



VAMPYROTEUTHIS INFERNALIS: ENSAIO DE ZOONTOLOGIA ABISMAL

ANDRÉ BRAYNER DE FARIAS¹

RESUMO: Dificilmente podemos chegar a uma justa classificação para enquadrar a obra de Vilém Flusser. Do ponto de vista da filosofia ela soa muito literária; do ponto de vista da literatura, ela deve parecer muito filosófica. De fato, precisamos encontrar um lugar entre a filosofia e a literatura para entender o procedimento ficcional deste ensaísta *sui generis*. Flusser sustenta a ideia de que toda forma de conhecimento é algum tipo de ficção, seja um ensaio filosófico, uma teoria científica ou um romance. Mas, se podemos reconhecer o estilo ficcional de Flusser em seus ensaios, é na obra *Vampyroteuthis infernalis*, escrita em parceria com Louis Bec, que a ficção filosófica de Flusser se realiza plenamente. Este ensaio pretende ser uma experimentação de filosofia ficcional, onde criamos uma categoria de análise, a *zoontologia*, cujo objetivo será o de levar adiante a provocação flusseriana sobre o que deve ser pensar a realidade: não descobrir verdades e falsidades, mas inventar saídas para nossos impasses e armadilhas intelectuais.

PALAVRAS-CHAVE: Ficção filosófica; Crítica do antropocentrismo; Zoontologia.

ABSTRACT: We can hardly arrive at a fair classification to frame Vilém Flusser's work. From the point of view of philosophy, it sounds very literary; from the point of view of literature it must seem very philosophical. In fact, we need to find a place between philosophy and literature to understand the fictional procedure of this *sui generis* essayist. Flusser holds the idea that every form of knowledge is some kind of fiction, be it a philosophical essay, a scientific theory, or a novel. But, if we can recognize Flusser's fictional style in his essays, it is in the work *Vampyroteuthis infernalis*, written in partnership with Louis Bec, that Flusser's philosophical fiction is fully realized. This essay intends to be an experimentation of fictional philosophy, where we created a category of analysis, *zoontology*, whose objective will be to carry forward the Flusserian provocation about what it should be to think about reality: not discovering truths and falsehoods, but inventing ways out for our intellectual impasses and traps.

KEYWORDS: Philosophical fiction; Critique of anthropocentrism; Zoontology.

¹ Professor do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade de Caxias do Sul (UCS), é presidente do Centro brasileiro de estudos sobre o pensamento de Emmanuel Levinas (CEBEL), coordenador do GT Levinas da ANPOF. Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: abfari@ucs.br.

Um só Animal abstrato para todos os agenciamentos que o efetuam. Um só e mesmo plano de consistência ou de composição para o cefalópode e o vertebrado, pois bastaria o vertebrado dobrar-se em dois suficientemente rápido para soldar os elementos das metades de suas costas, aproximar sua bacia de sua nuca, e juntar seus membros a uma das extremidades do corpo, tornando-se assim Polvo ou Sépia.

(DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*, p. 40)

O homem é, ele próprio, animal nas profundezas onde o *Vampyroteuthis* o habita. (FLUSSER, V.; BEC, L. *Vampyroteuthis infernalis*, p. 131)

A fábula filosófica que Vilém Flusser escreveu em parceria com o biólogo e artista plástico Louis Bec, *Vampyroteuthis infernalis*, não suporta uma leitura em categorias tradicionais de interpretação filosófica. A ficção filosófica de Flusser nos convida a ir além. A questão é embaraçosa, em todo caso, pelo fato de Flusser sentenciar: “ficção é realidade”², o que significa dizer que não deveríamos tomar nem por *ficção* e nem por *realidade* o que *normalmente* tomamos. Por exemplo, se quisermos nos orientar pelas categorias normais, deveríamos ler o ensaio *Língua e realidade* de Flusser como um livro de filosofia, e o *Vampyroteuthis infernalis*, como um livro de ficção. Mas não é bem assim que a coisa vai funcionar, pois Flusser não teria nenhuma objeção se considerássemos o contrário: o ensaio filosófico como ficção e a ficção como ensaio filosófico. Ele diria simplesmente: tanto faz. E, de fato, a impressão que temos quando lemos os ensaios de Flusser - por exemplo, *Pós-história*, *A dúvida*, *Natural:mente* ou *Gestos* – e depois o *Vampyroteuthis infernalis*, é a de que o filósofo não faz a menor questão de modificar o seu estilo literário. Passamos dos ensaios à ficção ou da ficção aos ensaios sem perceber. Tanto faz dizer que Flusser escreve filosofia ficcional ou ficção filosófica.

Mas, para tentar entender melhor o jogo de Flusser, gostaria, nesse breve ensaio sobre o *Vampyroteuthis infernalis*, de escapar da normalidade e *experimentar* uma categoria de interpretação, que chamarei de *zoontologia*. Por *zoontologia* entenderemos *a análise existencial do ser humano a partir do momento em que a distinção metafísica entre humanos e animais não mais atenderá à supremacia antropocêntrica*. Zoontologicamente diremos que, se a distinção ainda existe, ela não funcionaria mais a favor da superioridade evolutiva do ser humano. O uso dessa categoria não deixa de ser também um ensaio para entrar no jogo de

² FLUSSER, V. *Da ficção*, artigo publicado em *O Diário de Ribeirão Preto*, em 26/08/1966. Disponível em www.flusserbrasil.com.br.

Flusser, uma forma de levar o seu jogo adiante, e não apenas, como é de costume, de olhar o jogo de fora.

*

Ao assumir que todo ponto de vista que produz determinado tipo de discurso sobre uma determinada realidade é sempre algum tipo específico de ficção, Vilém Flusser não tem nenhum pudor de torcer as categorias da biologia evolutiva a favor de uma tese surpreendente: a de que o molusco cefalópode *Vampyroteuthis infernalis* descende de um ancestral comum ao *Homo sapiens*. Tal ancestral, que habitava as praias primordiais de nosso planeta, em determinado ponto da história evolutiva se diferenciou em duas direções divergentes³: para um lado, o abismo oceânico, onde o processo adaptativo convergiu para forjar uma espécie singular de vida animal e *existencial* invertebrada, o *vampyroteuthis*; para outro lado, a terra firme, onde o processo adaptativo conduziu à formação do *sapiens*. A praia funcionaria como uma espécie de espelho imaginário ancestral que revelaria, de nosso lado, o que teríamos sido, caso seguissemos o caminho do abismo oceânico, ou, do lado abismal, o que teriam sido os moluscos das profundezas, caso seguissem o destino da evolução continental. Compartilhamos com o *vampyroteuthis* a mesma memória depositada nas camadas profundas de nosso cérebro, e assim poderíamos dizer que em nossas respectivas profundezas experimentamos uma identificação mútua: no fundo de nossa memória profunda encontramos nossa forma abismal e molusca, assim como, no fundo de sua memória profunda, o *vampyroteuthis* encontra sua forma humana.

De maneira que, e é isso o que mais importa do ponto de vista zoológico, esse espelho litorâneo imemorial revela, na realidade, aquilo que nós somos nas profundezas onde não

³ Por falar em *direções divergentes*, é curioso como Flusser parece usar como referência não revelada a interpretação bergsoniana da teoria evolutiva. Em nenhum momento do *Vampyroteuthis* encontramos qualquer menção à *L'évolution créatrice* de Bergson, mas em vários momentos poderíamos dizer que Flusser apropria-se formalmente das suas teses. E é preciso dizer *formalmente*, ou como diria Deleuze, *fazendo um filho pelas costas*, porque de fato o que ocorre é uma torção das categorias da evolução criadora, como se ele roubasse os conceitos para fazê-los falar outra coisa. Por exemplo, a ideia bergsoniana de evolução em linhas divergentes está presente na fábula flusseriana, porém Flusser não dirá que os insetos himenópteros, como abelhas e formigas (exemplo tipicamente bergsoniano), são o ápice do instinto, mas o ápice da inteligência e da evolução cerebral. Os himenópteros seriam o caminho mais exitoso do processo evolutivo: “Se considerarmos a evolução vital como um todo, podemos distinguir nela três direções divergentes. Uma direção principal que passa pelos Annelida rumo aos insetos. Uma direção lateral, que se separa da principal antes dos Annelida, e que avança rumo ao homem. E, outra direção lateral, que se separa da principal depois dos Annelida, e avança rumo ao *Vampyroteuthis*. Se visto assim, é ele o nosso antípoda, e não apenas de maneira geográfica e existencial, mas também filogeneticamente” (FLUSSER, 2011. p. 28). Ainda sobre os insetos himenópteros: “Os insetos mais evoluídos, os Hymenoptera, conseguem evoluir em sociedades (colmeias, formigueiros), que ultrapassam de longe a cerebração humana e *vampyrotêuthica*, e acabarão conquistando o domínio sobre a Terra” (Idem. p. 18). Sobre essa questão do domínio, não é essa uma ideia estranha na *Evolução criadora*, pois Bergson chega a admitir que os humanos dominam a superfície da Terra tanto quanto as formigas dominam o subsolo (Cf. BERGSON, 2013. p. 135). Poderíamos ainda citar ao longo da fábula flusseriana apropriações do conceito de *élan vital* (por exemplo, nas páginas 22, 25 e 30) e também da ideia de *virtualidades* das tendências evolutivas, muito comum no discurso bergsoniano (por exemplo, nas páginas 42, 99, 132).

suportamos penetrar e permanecer. Nossa analítica existencial é, na realidade, uma *zoontologia abismal*. As categorias da biologia evolutiva e da zoologia, com toda sua complexidade taxonômica, não funcionam *suficientemente* para descrever o que somos, humanos e vampyrotheutis. E não funcionam *suficientemente* devido à incurável miopia antropocêntrica. Qualquer campo de categorias que se pretender suficiente vai se tornar desinteressante. Quando dizemos com Flusser que as categorias da biologia evolutiva e da zoologia não funcionam suficientemente, isso significa que o discurso científico funciona, *mas ele só não dá conta do conhecimento*. Uma classificação adequada, por exemplo, deve dar conta de perceber a condição zoontológica fundamental a partir da qual nos reconhecemos mutuamente, humanos e vampyrotheutis: a *superação da animalidade*. A taxonomia tradicional não faz enxergar o que significa a *verticalidade* pela qual esse molusco abismal superou a condição animal, não se confundindo mais com o seu mundo: vampyrotheutis possui mundo, portanto, ele *existe* tanto quanto existimos graças à liberação de nossas mãos. Porque liberamos as mãos da função bestial de apoiar o corpo, nos verticalizamos e passamos assim a objetificar e a significar o mundo. Exatamente por isso é que nós *existimos*, e não apenas insistimos, como fazem os animais que não suportam uma analítica zoontológica.

A fábula de Flusser deve ser lida também como crítica epistemológica. De fato, tal perspectiva tem grande importância quando vemos em muitas passagens o filósofo denunciar a *falsa objetividade* de nossa ciência e a necessidade de um conhecimento mais intersubjetivo e humanamente mais interessante. Aliás, a própria ideia do discurso fabulatório⁴ ou da filosofia ficcional já é resposta direta à falsa objetividade e à obsessão pela verdade que sustenta toda prática discursiva das ciências e da filosofia tradicional. Compreender a crítica flusseriana, porém, não significa suspender o serviço prestado pelas ciências objetivadoras. Pelo contrário, tal serviço continua sendo fundamental, principalmente do ponto de vista técnico e instrumental, mas isso não deve dispensar a necessária “carga dos sonhos, dos desejos e dos receios que caracterizam a existência humana” (FLUSSER, 2011, p. 130). Eis um bom exemplo do que Flusser entende por falsa objetividade da ciência:

Suponhamos o desafio de descrevermos o essencial nos mamíferos: não nos seria possível fazê-lo “objetivamente”, já que a “mamiferidade” a ser por nós definida é também parte integrante do esforço definidor por nós empreendido. A clássica definição de que “mamíferos são animais que nutrem os filhotes com secreção específica” é falha, não por ser imprecisa (há animais que o fazem sem serem mamíferos, e há

⁴ Sobre a epistemologia de Flusser, recomendo a leitura do ensaio de Erick Felinto, *Zona cinzenta – imaginação e epistemologia fabulatória em Vilém Flusser*, em FARIAS, André Brayner (org.). *Vilém Flusser – filosofia do desenraizamento*. Porto Alegre: Clarinete, 2015. p. 39-59.

mamíferos que não o fazem), mas por ser falsamente objetiva. Esconde que o propósito da definição é a tentativa de demonstrar a superioridade dos mamíferos. Assumir um ponto de vista objetivo com relação a vacas, tigres ou chimpanzés exigiria dos zoólogos ter superado a condição mamífera humana. Outras disciplinas, como a antropologia e as ciências humanas, se dão conta mais claramente da problemática da objetividade, mas ela vale para toda ciência: o homem é ente mergulhado no mundo e condicionado pelo mundo, e não pode pois falar *sobre* o mundo. (Idem. p. 28-29)

E obviamente que a pretensa superioridade objetiva dos mamíferos quer indicar a pretensa superioridade objetiva dos humanos. Não só por denunciar, mas por *demonstrar* a falsa objetividade de nossa ciência, Flusser acaba por revelar a própria *ficcionalidade estrutural da ciência*⁵. Essa ficcionalidade inconfessa, por onde pretendemos falar de nós objetivamente como se pudéssemos nos suspender do chão puxando os próprios cabelos, pretende contar a história evolutiva de nossa “superioridade natural”. Não há nada de objetivo nessa pretensa superioridade. Portanto, é perfeitamente possível, principalmente por ser *desejável*, contar outra história evolutiva, e sem deixar de usar as ferramentas da própria ciência experimental, essa que nos fornece todo o arsenal de informações que até então tem nos convencido a validar o conhecimento zoológico e evolutivo acerca, por exemplo, de primitivos moluscos abissais e de sofisticados mamíferos continentais. Do ponto de vista zoontológico, a superação da animalidade não é nem critério exclusivo e nem signo de superioridade dos humanos, uma vez que, como vimos, os insetos himenópteros superam com suas sociedades a cerebração e a inteligência humana e vampyrotêuthica.

A superação da animalidade, verticalização, significa, para nós e para eles, liberdade, mas também fragilidade. Obviamente que o modo de nossa verticalização difere da vampyrotêuthica. O primeiro passo para avançar na compreensão de nossa condição zoontológica é procurar se desabituar de uma visão autoreferenciada. Obviamente que o modo como existe um animal na noite eterna do abismo oceânico é diferente do modo como existe um animal de terra firme. O mais importante é compreender que o nosso destino evolutivo comum determinou uma condição *alienada do mundo*, eis porque somos livres, mas também vulneráveis e frágeis.

Os dois, o Vampyroteuthis e o homem, somos seres erguidos: assumimos posição vertical no mundo. A nossa verticalidade é consequência da virada da coluna vertebral com o crânio erguido, o que libertou a vista para a teoria, e as mãos para a práxis. A sua verticalidade

⁵ Sobre esse tema, é muito esclarecedora a leitura do ensaio de Gustavo Bernardo, *Ciência como ficção*, onde o procedimento de Flusser em *Vampyroteuthis* é comparado ao de Julio Cortázar no conto *Axolotles* e ao de Karel Capek no romance *A guerra das salamandras*. O ensaio está na coletânea BERNARDO, G.; FINGER, A.; GULDIN, R. *Vilém Flusser – uma introdução*. São Paulo: Annablume, 2008. p. 125-143.

é consequência do desenroscar da espiral molusca em palma aberta com crânio no chão, o que libertou o pé para o apalpamento e para a sucção do mundo. Ambos superamos, por tal verticalidade, a nossa “animalidade”, já que ambos passamos a existir no mundo, em vez de simplesmente sermos mundo. E ambos estamos pagando um preço alto por isto. Não se supera o programa vital sem castigo. (FLUSSER, 2011. p. 39)

O castigo da superação de nossa animalidade, consequência direta da verticalização, é o nosso *exílio* no mundo. Lembremos o quanto o tema do exílio é caro para Vilém Flusser⁶. O processo que redundou no vampyroteuthis e em nós na libertação do mundo é *análogo*, o que significa dizer do ponto de vista da biologia evolutiva que uma origem filogenética distinta cumpriu nos dois animais a mesma função: no vampyroteuthis a libertação da concha, em nós a libertação das mãos. Mas devido a isso nos exilamos do mundo: tornamo-nos estrangeiros em terra firme, assim como o vampyroteuthis virou estrangeiro no abismo oceânico. “Somos, os dois, seres ‘alienados’: nós, alienados do chão, ele, alienado do céu” (FLUSSER, 2011. p. 40). O preço que pagamos nós e eles, por existir, é uma inevitável vulnerabilidade. A libertação das mãos e da concha é como abandonar a casa e não mais poder voltar. No entanto, trata-se de *libertação*. Quem fala em liberdade, fala em condição política e ética. Vilém Flusser está afirmando em sua fábula que a superação da animalidade conduz à *condição ética e política da vida livre*, que, no entanto, é condição exposta, vulnerável, condição de exilado. Essa interpretação da animalidade tem uma consequência biopolítica inevitável: o animal que não supera sua animalidade não pode experimentar autêntica vida política, uma vez que não conhece o sentido da liberdade. O animal protegido em sua animalidade ou reduzido a ela só pode ser um animal biopolítico. Esse animal poderia ser um vampyroteuthis que regrediu para a concha, sua casinha primordial, ou que agisse *como se* estivesse regredido, o que é muito mais provável; esse animal biopolítico também poderia ser um humano que voltou a andar com as quatro patas, porque talvez tenha atrofiado tanto o uso das mãos e dos dedos, quem sabe pelas facilidades da vida tecnológica, onde tudo está ao alcance de um *clic*, que não restou outra alternativa senão a de projetar-se novamente para o chão, como quem retorna depois de milênios para sua casa primordial; ou ainda, esse animal biopolítico pode ser um humano que agisse *como se precisasse se apoiar nas quatro patas*, o que não só é mais provável, como também pode ser comprovável zootologicamente. A zootologia é uma ferramenta de interpretação existencial pós-histórica e biopolítica.

⁶ Todos os caminhos da filosofia de Flusser levam ao *desenraizamento*, e a sua autobiografia filosófica ele intitula *Bodenlos*, que significa em alemão *sem chão*.

O modo como Flusser irá abordar o mundo e a existência vampyrotêuthica não tem a intenção de explicar cientificamente a espécie ou simplesmente descrever o seu ambiente abismal. Isto seria totalmente avesso ao método fabulatório flusseriano. O primeiro passo é uma exposição comparativa de modelos explicativos do fenômeno evolutivo da vida. E não ficará apenas na biologia, pois além de Darwin e Lamarck também veremos longas considerações sobre a psicologia de Wilhelm Reich (teoria da couraça), sobre a teoria dos jogos e sobre a fenomenologia.

Tais considerações preliminares visam a libertar o terreno de modelos preconcebidos, quando se trata de descrever o *habitat* de Vampyroteuthis. Visam evitar que nos aproximemos dos abismos oceânicos munidos de teorias biológicas, ou outras, e que o façamos com o intuito de “explicar” a existência do Vampyroteuthis. O propósito aqui perseguido é o oposto a tal “pesquisa”: não mergulharemos nas profundidades a fim de explicar coisa alguma, mas a fim de implicarmo-nos na situação do Vampyroteuthis. Como não podemos observar as profundezas pelo método fenomenológico (não sabemos mergulhar no oceano), procuraremos fazê-lo pelo método intuitivo (mergulhando no Vampyroteuthis). (Idem. p. 59-60)

E dessa forma o propósito da desconcertante fábula vai se revelando pouco a pouco: falar do Vampyroteuthis é mergulhar no Vampyroteuthis, o que quer dizer precisamente *intuí-lo nas nossas próprias profundezas* ou sondar as camadas mais ocultas e escuras da nossa própria existência. Não se trata de uma antropologia filosófica e nem tampouco de uma descrição ontológica do ser humano, mas de uma ficção filosófica que lança mão de diversos modelos explicativos da ciência e da filosofia, tomando como pretexto um molusco cefalópode das profundezas oceânicas para, finalmente, sondar a condição humana. Em síntese, nem antropologia, nem ontologia, nem zoologia, mas ensaio de *zoontologia*.

Em todo caso, a primeira forma de aproximação do mundo vampyrotêuthico é uma clássica descrição oceanográfica do ambiente marítimo. Vilém Flusser procede numa detalhada consideração dos aspectos geológicos, físicos, químicos e biológicos do oceano. A descrição tem todos os elementos que caberiam num tratado clássico de ciência oceanográfica, sem deixar evidentemente de enriquecer o discurso com os elementos da própria *intuição* perseguida pelo filósofo. Por exemplo, quando ele admite que para os seres continentais é muito difícil imaginar a ideia das fronteiras interpenetrantes das esferas vitais oceânicas, simplesmente pelo fato de que nós somos seres bidimensionais e a vida marinha é tridimensional. Flusser afirma que de todos os pontos de vista o oceano constitui a pátria da vida (p. 62) e que, entre as três esferas que constituem a vida marinha – o *plâncton*, seres que flutuam ao sabor das correntezas; o *nécton*, que são os organismos de autonomia locomotora, e o *bentos*, que são os seres da camada

inferior, nadadores ou escavadores –, a esfera bentônica é a mais rica em termos de energia vital, basicamente porque é em sua direção que se dirige todo processamento metabólico da vida: o bentos é, para Flusser, “a meta de toda vida na Terra” (p. 63). Evidentemente que a partir daqui Flusser já não tem mais qualquer compromisso com o discurso oceanográfico padrão. Sua conclusão a respeito do ecossistema marinho não pode ser menos canônica: porque o vampyroteuthis domina a região bentônica, ele é o *senhor de toda a vida na Terra*.

O objetivo dessa ciência fabulatória não é explicar e muito menos dizer a verdade sobre o mundo vampyrotêuthico. Aliás, a *verdade* é o que menos importa na filosofia de Flusser. O objetivo é nos fazer intuir nossa existência profunda, inabitual e objetivamente impenetrável através da análise do comportamento de uma existência análoga à nossa. Bem entendido, essa *análise* goza de licença poética porque confessa o seu aspecto ficcional, isso quer dizer que ela não é nem verdadeira nem falsa. A espécie de molusco cefalópode *Vampyroteuthis infernalis*, descrita nos manuais de zoologia dos invertebrados, é apenas o suporte de um discurso. A provável verdade ou falsidade ou, antes de tudo, a possibilidade desse discurso pautar alguma espécie de crença não depende do seu suporte material, mas *do tipo de relação que os participantes do discurso querem ter com o suporte*. Depende de uma intencionalidade fenomenológica. O discurso, portanto, fala antes de tudo dessa relação. Dizer que o discurso zoológico é científico não é dizer que é verdadeiro, mas que ele implica numa relação científica com seus objetos específicos, por exemplo, com o vampyroteuthis. O que Flusser está propondo é que possamos ter com esse animal outros tipos de relação, que ele possa ser abordado de perspectivas diversas, e que essas perspectivas criem relações diversas, que conversem entre si, que entrem em contradição, que concordem e discordem, que forcem saídas de impasses discursivos.

A ciência é um *hábito discursivo*. Significa que ela tem o poder de tornar coisas habituais dentro de relações habituais, pretensamente objetivas. Ela tem o poder de orientar nossas decisões nas relações que vamos tornando habituais. Por exemplo, moluscos marinhos são para nós frutos do mar. Temos o hábito de capturar um polvo numa gruta de um recife de coral e preparar iguarias como o arroz de polvo. Não é habitual considerar o modo como certos moluscos comunicam-se entre si e como concebem sua situação no mundo.

O que acontece é isto: o abismo é um “habitat” determinado, isto é, habitado pelo Vampyroteuthis e habitual para ele, e não habitado por homens e inabitável, inabitual para eles. Para o Vampyroteuthis, é acolhedor, para nós, é terrificante. O que devemos fazer, se quisermos “descobrir” o Vampyroteuthis, é procurar habituar-nos ao inabitual, já que não podemos habitar o inabitável. Se conseguirmos fazê-lo,

poderemos contemplar o que nos é habitual como se fosse inabitual: “redescobrir” o inabitual que é o homem. (Idem. p. 65)

Tornar habitual o inabitual a partir de um discurso inabitual, fabuloso, que não pretende dizer nem verdade nem mentira. Vampyroteuthis é um molusco que superou a animalidade, portanto ele existe, concebe o próprio mundo, pensa e produz cultura e arte. Se somos capazes de nos habituar a esse discurso inabitual, talvez seremos capazes de *tornar o habitual novamente surpreendente*. O que se pretende é um descolamento do hábito. Redescobrir o inabitual corresponderia a recobrar a capacidade de se surpreender. Voltar a ver de novo, já que o hábito científico nos condicionou a uma visão fixa, para não dizer míope, do mundo. Nossa miopia é o modo habitual de nossa visão. Voltar a ver é recobrar a capacidade de se estranhar para se desinstalar de si mesmo. Esse seria o propósito originário da atitude filosófica, mas tal atitude padeceu historicamente da obsessão da verdade. Padeceu da crença no discurso capaz de discernir entre o verdadeiro como adequação e o falso como desadequação. A partir daí a atitude filosófica não se deu mais a chance de perceber que adequado ou inadequado é antes de mais nada o que nos interessa e o que não nos interessa.

Quando Flusser afirma que o vampyroteuthis tem vida cultural e produz arte, está *agindo* fora do esquadro que define o adequado e o inadequado. Fora do hábito, tanto literário, na medida em que é um livro de filosofia, quanto filosófico, na medida em que é um livro de literatura. E é justo essa dificuldade de localização que o autor provoca o que torna a experiência da fábula interessante. Nossa forma de cultura, nossa arte, consiste na elaboração do mundo a partir de uma luta constante de remoção de obstáculos, que é a manipulação dos objetos. A história humana é contada pelos objetos que são manipulados e significados. A cultura vampyrotêuthica não é objetual: o mundo da noite eterna não é do tipo que resulta do trabalho manual, é mundo tentacular, e ele existe para ser sorvido e não atravessado. “É que nós, os homens, abraçamos o mundo a fim de percorrê-lo. Ele, pelo contrário, abraça o mundo a fim de incorporá-lo” (Idem, p. 77). Isso está de acordo com a solução anatômica da evolução vampyrotêuthica: cérebro voltado para o chão, próximo da boca e imediatamente ligado aos tentáculos. O vampyroteuthis ainda sente e concebe o mundo *sexualmente*, é que seus tentáculos são munidos de pênis e clitóris. Aquilo que os humanos mais reprimem e escondem é o que esse nosso parente das profundezas mais exhibe e realiza. O sexo está para o vampyroteuthis como a economia está para nós. Nós nos alienamos do sexo em prol do desenvolvimento, e o vampyroteuthis recalca o desenvolvimento em prol do sexo. Mas não escaparemos nós de pensar sobre o sexo e eles de pensar sobre o desenvolvimento.

Essa diferença entre nossa razão econômica e a razão sexual vampyrotêuthica se explica pela nossa tendência a ver objetos banhados pela luz e a querer mexer neles: manipulamos coisas a partir de modelos que preconcebemos de coisas já manipuladas e reconcebemos modelos a partir da manipulação de coisas: o objeto amarra o passado e o futuro, o objeto é a tela da nossa história, pois é pelo trabalho constante com os objetos - a madeira, o ferro, a pedra, as letras, os números - que produzimos e enxergamos a história; e pela tendência vampyrotêuthica a lançar luz na escuridão e dirigir pelo movimento tentacular o que vai aparecer. “O aparente aparece, porque foi concebido. O conceito precede a aparência. A aparência é consequência de um ato deliberado” (p. 82). E o ato deliberado, o ato de *conceber* o que vai aparecer, é naturalmente sexual, uma vez que tentáculos tem pênis e clitóris. Se a reflexão humana é o vai e vem do trabalho com os objetos, a constante remoção de obstáculos ou a constante superação das aparências, a filosofia vampyrotêuthica é a síntese do masculino e do feminino no coito, o próprio sexo.

Pois essa razão sexual explica porque o vampyroteuthis é naturalmente amoroso. A sua animalidade se caracteriza pelo gesto amoroso. Por exemplo, são monogâmicos não por conta de convenção deliberada, mas por força de programação genética. O reconhecimento no outro e o amor ao outro é tão natural neles quanto é natural para nós o egoísmo. Mas nós e eles queremos superar nossa animalidade, queremos ter vida espiritual. A liberdade para nós e para eles é um projeto que terá significados diversos: se para nós deliberar é o esforço de construir uma sociedade justa, o que vai envolver o constante trabalho de superar estruturas que não favorecem a igualdade, para eles deliberar é o esforço de superar a sociedade e as estruturas que naturalmente promovem o amor e o reconhecimento. “O espírito se manifesta, no homem, por gestos amorosos, e no Vampyroteuthis, por gestos odiosos. A cultura humana é motivada pela superação do ódio, a cultura vampyrotêuthica pela superação do amor” (p. 106-107). Vampyroteuthis é naturalmente aquilo que *aparentemente* gostaríamos de ser, da mesma forma como somos naturalmente o que ele se esforça para ser. E aqui *aparentemente* quer dizer que nossa vontade está *condicionada historicamente*, ou seja, está condicionada ao trabalho de remoção de obstáculos que envolvem nossa arte em geral: o esforço de superar as limitações do objeto. Nossa vontade poderá ser superada *pós-historicamente*, e a *imagem técnica*, que evolui rumo à efemeridade e à descartabilidade das formas, e talvez ao desaparecimento do objeto, da escrita e das mediações históricas em geral, parece querer anunciar o esgotamento desse esforço histórico da liberdade humana, prestes a descambar novamente na animalidade.

O mesmo seria dizer que nossa condição pós-histórica é um lento processo de atualização de nossa ancestralidade vampyrotêuthica.

Tudo não passa de fábula. E, muito provavelmente, a gênese da *atitude filosófica*, em cuja narrativa clássica lemos a superação da fabulação mitológica e a preocupação em resolver o problema da verdade, também não passa de fabulação. *Vampyroteuthis infernalis* provoca espanto filosófico, ensina a ver sem deixar de assumir sua natureza fabulatória, ou seja, sem se preocupar com o eterno problema da verdade.

Ainda assim, a atitude filosófica, essa que produz surpresa e espanto naqueles que nunca perderam a capacidade de ver e naqueles que recobram essa capacidade, está sempre por um triz, e ela pode pender para vir à tona ou para ser novamente suspensa. Ela está sempre na antessala do discurso, e o que vai ser decidido na sala do discurso é o que vai determinar o valor da atitude filosófica. Nos últimos quatrocentos anos a decisão coube à voz da ciência e a consequência disso foi a instrumentalização técnica do discurso – a ciência serve aos nossos interesses práticos, inclusive para preparar bons pratos de arroz de polvo – e também à tendência de tomar a atitude filosófica como atitude poética. Até aqui nenhum problema, aliás nada mais justo, não fosse pelo fato de que do ponto de vista da miopia científica isso significa um rebaixamento e uma forma de não mais levar a sério o discurso filosófico quando o assunto é o conhecimento “correto” das coisas. Pois é justamente para devolver ao discurso sua dimensão poética que a fabulação importa. E talvez seja especialmente relevante o fato de que Flusser divide a autoria do *seu Vampyroteuthis* com um biólogo. Não qualquer biólogo, pois Louis Bec é também artista plástico, portanto poeta. Em todo caso *biólogo*, o que significa que a licença de Flusser no *Vampyroteuthis* não é apenas *poética* – isso seria o óbvio em se tratando de Flusser –, mas é também *científica*. O resultado dessa aventura literária, filosófica e científica é que ao lermos o *Vampyroteuthis infernalis* estamos lendo o inabitual como se fosse habitual, ou vice-versa, o habitual como se fosse inabitual. Em síntese, redescobrimos a dimensão ficcional do conhecimento.

É preciso que o conhecimento recobre a capacidade de provocar espanto. Não porque vai falar em coisas espantosamente incompreensíveis, como por exemplo o discurso dos economistas atualmente, e nem por falar em coisas espantosamente distantes e inimagináveis, como a astronomia e a física quântica. O conhecimento precisa surpreender no nível de nossa capacidade de compreensão e de imaginação. Para falar nos termos de Flusser, esta seria uma forma de equilibrar discurso e diálogo. O espanto que nos causa as dimensões do discurso astronômico não produz um diálogo politicamente efetivo, porque de fato permanecemos

distantes do nível de abstração compartilhado pelos astrônomos. O espanto causado pela leitura do *Vampyroteuthis infernalis* provoca de forma mais efetiva o diálogo, principalmente porque o texto não é uma *caixa-preta* insondável, como são os textos dos astrônomos e dos economistas. O texto de Flusser é transparente, é manipulável no sentido de poder ser experimentado por leitores comuns. O texto de Flusser é político no sentido mais elevado desse conceito: ele provoca espanto que provoca atitude filosófica que provoca diálogo efetivo que poderá provocar mais discurso que poderá ser também espantoso. Enfim, é filosofia no sentido mais elevado do conceito porque é discurso avesso a qualquer pretensão de neutralidade.

A aposta de Flusser é epistemológica. Mas obviamente que ele não pretende convencer os epistemólogos tradicionais, que diriam com toda convicção e certeza que o discurso de Flusser é poesia e não filosofia. Mas é uma aposta epistemológica, na medida em que ele toma por objeto de sua filosofia a *natureza do próprio conhecimento*. Toma por objeto a *ficção* como forma elementar do discurso. Conhecemos as coisas porque produzimos e compartilhamos tipos diversos de ficção. Quanto maior for a variação desses tipos, mais rico e mais interessante, mais democrático, é o conhecimento. Reconhecer e ter em mente a natureza ficcional do conhecimento deve permitir uma espécie de descolamento de nossa subjetividade, e conseqüentemente um estado de liberdade. Quando a dimensão ficcional do conhecimento é negada e uma ou outra forma de discurso se afirma como mais verdadeira – ciência ou religião –, o que ocorre é que impedimos a liberdade e todas as dimensões da vida que dela decorrem, como a ética e a política. Isso porque é evidente que uma forma discursiva que se impõe como única exige que a vida em geral obedeça suas regras. A vida em geral, do mais alto habitat do continente à mais profunda fossa oceânica, deve se submeter a esta ou àquela *forma de dizer*. O que faz a visão científica das coisas senão *ver tudo cientificamente*, mesmo que *tudo* permaneça aberto a incontáveis maneiras de ser visto? O que faz a visão religiosa do mundo senão *ver o mundo religiosamente*, mesmo que múltiplos mundos continuem se manifestando porque múltiplas maneiras de ver continuam sendo criadas? Quando nos submetemos a esta ou àquela visão de mundo é como se nos alienássemos do fato de que fomos nós que criamos a forma discursiva e suas regras ou como se esse fato *criador e poético* fosse irrelevante, porque afinal de contas o processo de conhecimento é encarado como *descoberta da verdade* e não *invenção da verdade*. Exatamente aquilo que dignifica a atitude humana de conhecer, seu aspecto criador, é aquilo que se reprime, que se nega mesmo. No fim das contas a liberdade necessária para que surgisse o discurso desaparece quando esse mesmo discurso impõe o tipo de diálogo que deve ser efetivado, e quando desacredita qualquer forma dialógica que não

reconheça suas regras. O diálogo se torna fraco politicamente porque é submisso a um padrão único de validação, da mesma forma que tende a neutralizar o discurso ético, torná-lo quase científico, submisso e ressentido, tendente ao moralismo. Nesse sentido ele não pode ser nem *ético* e nem *político*, impedido que está de ser *poético*.

Vampyroteuthis infernalis é uma forma de propor diálogo efetivamente político e ético. Mas esse é o caso de todo discurso assumidamente poético. Isso porque é da condição humana que a fábula trata. O tempo inteiro lemos sobre um molusco cefalópode que superou o entorpecimento da concha e lançou o cérebro em direção ao chão das profundezas abissais do oceano. A biologia evolutiva, a zoologia, a oceanografia estão sempre sendo consultadas, embora a palavra final não caiba a nenhuma delas especificamente. Mas há um constante espelhamento com o animal continental que liberou as mãos para a fabricação de objetos e a vista para a produção de teorias, porque ergueu a coluna e levantou a cabeça para o céu. Esse espelhamento acontece *de verdade* no final da fábula, quando Vilém Flusser narra seu encontro com o *Vampyroteuthis* no aquário de Banyuls, no sul da França. De alguma maneira, o movimento da história e da pós-história está aproximando homem e *vampyroteuthis*. A superação da animalidade no humano cumpriu toda sua exigência antropocêntrica e histórica, e agora a exigência é outra, e ela está fazendo a distinção humano-animal perder o sentido. De alguma maneira, a besta que liberou as patas dianteiras para cumprirem a função das mãos retorna ao *estado de besta* quando as mãos e a inteligência se atrofiam na era cibernética da inteligência artificial. *Vampyroteuthis* é *ameaça* constante, e carregamos ela dentro de nós. Para sentir concretamente o que isso quer dizer teríamos que experimentar a condição habitual do *vampyroteuthis*, mas aí seríamos esmagados na escuridão do abismo oceânico. Essa ameaça assume para Flusser vários significados: o nazismo, o romantismo, o cálculo proposicional da análise lógica, a programação cibernética, a manipulação biotecnológica da vida etc. A emergência do *Vampyroteuthis* seria a emergência da *pós-história* e do *pós-humano*, devendo este assumir versões inteiramente inorgânicas, como os androides, versões orgânicas inteiramente modificadas biotecnologicamente e também versões humanas recaídas na pura animalidade, os animais biopolíticos. Por isso, Flusser recomenda que a emergência *vampyrotêuthica* seja prudente. Já que ela é inevitável, pois pertence à dinâmica histórica, é preciso coordenar os esforços. A tendência desse animal condicionado às fortes pressões abissais é explodir quando vem à superfície. O trabalho dessa emergência deve ser, portanto, muito delicado porque a explosão *vampyrotêuthica* corresponde à implosão humana: se o molusco emerge, nós afundamos.

*

O encontro de Flusser com o bicho no aquário é uma experiência que causa calafrios e ao mesmo tempo *embaraço*. O calafrio é mais fácil de compreender, ainda mais em sendo Flusser um sobrevivente do terror nazista. Mas o embaraço é o mais interessante porque se trata de *reconhecimento*. Flusser está protegido por uma parede transparente, que o expõe às múltiplas faces da morte e o mantém vivo. É verdade que o molusco está confinado no aquário, mas talvez Flusser queira enfatizar que a condição humana pós-histórica é a do *confinamento em estruturas transparentes que nos protegem tanto da vida quanto da morte*. Na verdade vampyroteuthis está cada vez mais solto e nós cada vez mais presos. Flusser olha o bicho no aquário e seu embaraço é se reconhecer como bicho no aquário.

Zoontologia é ontologia da animalidade pós-humana e pós-histórica. Essa animalidade é uma condição compartilhada por todos os animais. Se hoje defendemos os animais é porque nos reconhecemos neles. Isso é sentido em geral como sinal de progresso moral: ampliamos a nossa sensibilidade e a nossa racionalidade para acolher eticamente os animais. Essa é uma *bela ficção*. Mas há outras, que vão a outras direções, mesmo que produzam o mesmo efeito prático. Por exemplo, a que afirma que a era cibernética e biotecnológica, em síntese *pós-histórica*, está devolvendo o homem a sua animalidade, no sentido oposto à versão edificante da ética animal: a pós-história rebaixa a condição humana ao nível biológico dos animais – pós historicamente, somos animais biopolíticos. A partir daí, começamos a sentir na pele o que os animais destinados ao abate sentem desde sempre. Viramos animais de abate que, em todo caso, continuam filosofando. Por sinal, já entendemos com essa fábula que a filosofia não é privilégio humano, vampyroteuthis também filosofa. O animal de abate que filosofa sagazmente desenvolve uma teoria que defende os animais e que denuncia as várias formas de violência praticada contra *eles*. Muito esperto é esse animal que ainda se protege na máscara de pensador. Ele irá defender com a verdade de um grande ator o fim do antropocentrismo, ou irá fazer como o poeta fingidor de Fernando Pessoa, aquele que finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente. Esse animal esperto ainda quererá representar no palco a dor dos animais, mas ele só conhece mesmo a sua própria dor, e é ainda em nome dela que ele se levanta para filosofar e fazer política. *O animal que decreta o fim do antropocentrismo só pode ser um animal antropocêntrico*. Pois essa é uma *ficção feia*: defender os animais apenas retoricamente, sem coragem para admitir o próprio desespero. *Ficção feia e vergonhosa*. A vantagem de serem *ficções*, belas ou feias, é que não disputam o terreno da verdade. Podem visitá-lo ocasionalmente, sem querer tomar posse dele. Uma forma desenraizada de pensar e

viver sugere uma bela ficção da liberdade. Se estamos progredindo ou regredindo, não importa tanto quanto a possibilidade que temos de criar saídas da mesma forma como somos capazes de criar ficções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSON, Henri. *L'évolution créatrice*. Édition critique dirigée par Frédéric Worms. Paris: PUF, 2013.

BERNARDO, Gustavo; FINGER, Anke; GULDIN, Rainer. (Orgs.). *Vilém Flusser – uma introdução*. São Paulo: Annablume, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 2008.

FARIAS, André Brayner (Org.). *Vilém Flusser – filosofia do desenraizamento*. Porto Alegre: Clarinete, 2015.

FLUSSER, Vilém; BEC, Louis. *Vampyroteuthis infernalis*. São Paulo: Annablume, 2011.